

RESENHA CRÍTICA

HEIDEGGER, Martin. Sobre o problema do ser / O caminho do campo. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.

Cídio Lopes de Almeida¹

[sem revisão por pares]

RESUMO

A resenha crítica analisa as obras "Sobre o Problema do Ser" (Zur Seinsfrage) e "O Caminho do Campo" (Der Feldweg) de Martin Heidegger, textos que representam momentos significativos de sua fase tardia. Em "Sobre o Problema do Ser", originalmente uma contribuição em diálogo com Ernst Jünger sobre o niilismo, Heidegger desloca a discussão para uma investigação da essência e origem do niilismo, conectando-o ao esquecimento do Ser (Seinsvergessenheit) na tradição metafísica ocidental. O filósofo critica a metafísica por ter negligenciado a diferença ontológica fundamental entre o Ser (Sein) e o ente (Seiendes), reduzindo o Ser a uma característica do ente. Este esquecimento culmina na era da técnica moderna, cuja essência (Gestell) representa a forma consumada da metafísica da subjetividade, onde tudo é enquadrado como recurso disponível (Bestand). "O Caminho do Campo", por sua vez, oferece um contraponto lírico e meditativo, sugerindo uma experiência do Ser que se revela na proximidade e na escuta atenta, apontando para a possibilidade de um pensamento meditativo (besinnliches Denken) como alternativa ao pensamento calculador dominante. A segunda parte da resenha estabelece diálogos com o pensamento contemporâneo, destacando a relevância persistente da questão do Ser e analisando as divergências fundamentais entre Heidegger e Sartre. Enquanto Sartre enfatiza a liberdade radical do sujeito como fundamento da existência, Heidegger prioriza a condição de "ser-lançado" (Geworfenheit) do Dasein e sua abertura à escuta do apelo do Ser. A concepção do Nada também difere: para Sartre, o Nada é introduzido no Ser pela consciência; para Heidegger, o Nada pertence à própria essência do Ser. A resenha também aborda críticas ao pensamento heideggeriano, como sua linguagem obscura, seu envolvimento com o nazismo e a possível insuficiência de sua proposta diante dos desafios éticos e políticos contemporâneos. Não obstante, conclui que a filosofia de Heidegger permanece um interlocutor indispensável para pensar nosso tempo, desafiando a filosofia a confrontar a questão ontológica fundamental que subjaz à nossa compreensão do mundo.

Palavras-chave:

Ser (Sein); Ente (Seiendes); Diferença ontológica; Esquecimento do Ser (Seinsvergessenheit); Metafísica; Niilismo; Técnica; Armação (Gestell); Dasein; Pensamento meditativo; Pensamento calculador; Viragem (Kehre); Serenidade (Gelassenheit); Existencialismo; Sartre; Liberdade; Nada; Autenticidade; Finitude; Linguagem; Verdade (Alétheia).

¹ ALMEIDA, Cídio Lopes de. *Resenha do livro Sobre o problema do ser / O caminho do campo* (Série de resenhas AMF3). AMF3 – Escola de Filosofia, www.amf3.com.br, 29 maio 2025. Disponível em: <https://www.amf3.com.br/sobreopreblemadadosereocaminhodocampo>. Acesso em: 29 maio 2025.

INTRODUÇÃO

A presente resenha crítica tem como objeto de análise as obras "Sobre o Problema do Ser" (Zur Seinsfrage) e "O Caminho do Campo" (Der Feldweg) de Martin Heidegger, reunidas em volume único na edição brasileira. Estas obras representam momentos significativos no percurso filosófico do autor, particularmente em sua fase tardia, marcada por uma profunda meditação sobre a essência da técnica, o destino da metafísica ocidental e a urgência de retomar a questão fundamental do Ser (Seinsfrage).

O objetivo desta resenha é duplo: primeiramente, apresentar os conceitos fundamentais desenvolvidos por Heidegger nestas obras, com ênfase especial em sua abordagem do problema do ser; em segundo lugar, estabelecer conexões críticas entre o pensamento heideggeriano e o debate filosófico contemporâneo, com particular atenção ao diálogo com Jean-Paul Sartre e sua concepção de existencialismo.

A metodologia empregada consiste na análise textual e conceitual das obras mencionadas, complementada por referências à literatura secundária relevante. A estrutura da resenha divide-se em duas partes principais: a primeira dedicada à exposição dos conceitos fundamentais presentes nas obras analisadas, e a segunda voltada à reflexão crítica e ao estabelecimento de diálogos com o pensamento contemporâneo, situado a partir do pensamento de Sartre.

A relevância desta análise reside na persistente atualidade do pensamento de Heidegger para a compreensão dos desafios filosóficos contemporâneos, especialmente no que concerne à crítica da técnica moderna, à questão do niilismo e às possibilidades de um pensamento que supere os limites da metafísica tradicional.

1 A APRESENTAÇÃO DOS CONCEITOS FUNDAMENTAIS E A QUESTÃO DO SER

Parte 1: A Apresentação dos Conceitos Fundamentais e a Questão do Ser

1.1 O Diálogo com Ernest Jünger e o Retorno à Questão Fundamental

As obras "Sobre o Problema do Ser" (Zur Seinsfrage) e "O Caminho do Campo" (Der Feldweg)[*caminho da roça*], reunidas em volume único na edição brasileira aqui analisada, representam momentos significativos no percurso filosófico de Martin Heidegger, particularmente em sua fase tardia, marcada por uma profunda meditação sobre a essência da

técnica, o destino da metafísica ocidental e a urgência de retomar a questão fundamental do Ser (Seinsfrage). "Sobre o Problema do Ser", originalmente uma contribuição em homenagem a Ernst Jünger por ocasião de seu sexagésimo aniversário em 1955 e intitulada "Sobre 'A Linha'", estabelece um diálogo direto com o pensamento de Jünger acerca do niilismo e da possibilidade de sua superação. Contudo, Heidegger desloca o foco da análise de Jünger (*trans lineam*, para além da linha do niilismo) para uma investigação da própria linha (*de linea*), buscando desvelar a essência e a origem do niilismo a partir do "lugar" (Ort) de onde ele emerge, lugar este intrinsecamente conectado à história do esquecimento do Ser na tradição metafísica.

Heidegger esclarece no prefácio que o novo título, "Sobre o Problema do Ser", visa indicar que a reflexão sobre a essência do niilismo se origina de uma discussão do Ser enquanto Ser. Ele contrapõe sua abordagem à tradição filosófica que, segundo ele, entende o "problema do ser" como a pergunta pelo ente enquanto ente (*Was ist das Seiende?*), a questão central da metafísica. Para Heidegger, a metafísica, ao longo de sua história, respondeu a essa pergunta pressupondo uma compreensão do Ser que, paradoxalmente, eliminou sua problematicidade intrínseca, tratando-o como o fundamento mais evidente e indiscutível (o ente supremo, a causa primeira, o valor absoluto, a subjetividade), mas sem jamais questionar o Ser em seu próprio sentido e verdade. A metafísica, portanto, "não retoma a seu fundamento". A tarefa que Heidegger se impõe, especialmente nesta fase de seu pensamento, é justamente empreender esse retorno, essa Kehre (viragem), que busca reabrir a questão do Ser obscurecida pela tradição.

1.2 A Crítica à Metafísica e o Esquecimento do Ser

A crítica heideggeriana à metafísica é um dos pilares centrais para compreender a abordagem do problema do Ser em "Zur Seinsfrage". Para Heidegger, toda a história da filosofia ocidental, desde Platão até Nietzsche, é a história da metafísica e, concomitantemente, a história de um crescente esquecimento da diferença ontológica – a diferença fundamental entre o Ser (*Sein*) e o ente (*Seiendes*). A metafísica, ao focar exclusivamente no ente, em suas causas, propriedades e fundamentos, teria negligenciado a pergunta pelo próprio Ser, pelo claro (*Lichtung*) que permite ao ente vir à presença. O Ser foi reduzido a uma característica do ente, seja como a **Idea** platônica, a substância aristotélica, o Deus criador medieval, a subjetividade cartesiana, o Espírito absoluto hegeliano ou a Vontade de Poder nietzschiana.

Esse esquecimento não é um mero lapso intelectual, mas um evento histórico-destinal que configura a própria compreensão ocidental da realidade. Em "Sobre o Problema do Ser", Heidegger argumenta que a metafísica moderna, iniciada com Descartes, radicaliza esse esquecimento ao estabelecer a subjetividade humana (o ego cogito) como o fundamento último de todo o ente. O mundo torna-se representação para um sujeito, e o Ser é reduzido à condição de objeto passível de cálculo, controle e dominação. Essa trajetória culmina, segundo Heidegger, na Vontade de Poder de Nietzsche, que ele interpreta não como uma superação da metafísica, mas como sua consumação final. A Vontade de Poder, que estabelece valores a partir da vontade do sujeito, representa o ápice da subjetividade e o ponto onde o esquecimento do Ser se torna mais profundo, abrindo caminho para o niilismo.

1.3 Niilismo: Para Além da Desvalorização dos Valores

Heidegger engaja-se diretamente com a concepção de niilismo de Nietzsche, popularizada por Jünger, como a "desvalorização dos valores supremos". No entanto, ele considera essa definição insuficiente, pois ela ainda permanece dentro do horizonte da metafísica dos valores. Para Heidegger, o niilismo não é apenas a perda de valores transcendentais (Deus, Verdade, Bem), mas um fenômeno muito mais radical, cuja raiz se encontra precisamente no esquecimento do Ser. O verdadeiro niilismo reside na própria estrutura da metafísica que, ao focar no ente e nos valores (que são sempre valores *para* um sujeito), obscurece a questão do Ser e reduz tudo à disponibilidade e manipulação.

O niilismo, em sua essência (*Wesen*), não é, portanto, algo "niilista" no sentido de uma mera negação ou vazio. Ele é a própria dinâmica da história do Ser em que este se retrai, deixando o ente dominar o cenário sob a forma da representação, do cálculo e, finalmente, da técnica planetária. A "perfeição" do niilismo, que Jünger situava na "linha zero", é para Heidegger a época da dominação incondicional da técnica, onde tudo é interpelado a se mostrar como recurso (*Bestand*) disponível para a Vontade de Poder, agora anônima e globalizada. A figura do "Trabalhador" (*Arbeiter*), analisada por Jünger em obra homônima de 1932 e revisitada por Heidegger, encarna essa era: o ser humano reduzido a uma função dentro de um processo total de mobilização e exploração de recursos.

Heidegger enfatiza que não se trata de "curar" o niilismo como se fosse uma doença, pois sua essência está ligada ao próprio destino do Ser no Ocidente. A tarefa do pensamento não é

encontrar soluções ou restaurar valores antigos (o que seria apenas outra forma de niilismo reativo), mas sim meditar sobre a essência do niilismo, compreendê-lo como o resultado do esquecimento do Ser e, a partir dessa compreensão, preparar a possibilidade de uma "superação" (*Überwindung*) da metafísica. Essa superação não é uma destruição, mas uma torção (*Verwindung*), uma apropriação crítica que reconhece os limites da metafísica e reabre o espaço para a questão do Ser.

1.4 A Essência da Técnica e a Consumo da Metafísica

A análise da técnica moderna é crucial na obra tardia de Heidegger e permeia a discussão em "Sobre o Problema do Ser". A técnica não é vista meramente como um conjunto de ferramentas ou procedimentos neutros, mas como um modo fundamental de desvelamento (*Entbergen*) que caracteriza a época contemporânea. Sua essência é a "armação" (*Gestell*), um termo complexo que designa a maneira pela qual tudo é enquadrado, solicitado e desafiado (*herausfordern*) a se apresentar como recurso disponível, estocável e comutável (*Bestand*). A natureza torna-se fonte de energia, o ser humano torna-se recurso humano, a linguagem torna-se informação.

O *Gestell* representa, para Heidegger, a forma consumada da metafísica da subjetividade e da Vontade de Poder. É o modo como o esquecimento do Ser se manifesta na prática, dominando todas as esferas da vida e impondo o pensamento calculador como única forma válida de racionalidade. Nesse contexto, o problema do Ser torna-se ainda mais agudo, pois o próprio Ser é obscurecido pela onipresença do ente enquanto recurso manipulável. A pergunta pelo Ser parece perder sentido diante da eficiência e do poderio da técnica.

Contudo, Heidegger vislumbra na própria essência da técnica um "perigo" (*Gefahr*) que também abriga o "salvador" (*das Rettende*). Ao levar o esquecimento do Ser ao seu extremo, a técnica pode, paradoxalmente, despertar a necessidade de um outro começo, de um pensamento que questione seus fundamentos e busque uma relação mais originária com o Ser. A discussão com Jünger sobre a "linha" do niilismo é, nesse sentido, uma tentativa de pensar essa possibilidade de viragem (*Kehre*) a partir da própria consumação da metafísica na era da técnica.

1.5 O Caminho do Campo: Um Contraponto Meditativo

Se "Sobre o Problema do Ser" se move predominantemente no terreno da análise conceitual e da crítica à história da metafísica, "O Caminho do Campo" oferece um contraponto lírico e meditativo. Escrito em um estilo quase poético e autobiográfico, o texto descreve a relação íntima do pensador com sua terra natal (Messkirch) e a simplicidade do caminho que serpenteia pelos campos. Esse caminho não é apenas uma trilha física, mas um símbolo poderoso do próprio percurso do pensamento heideggeriano: um retorno paciente à origem, ao que é simples, próximo e silencioso, longe do ruído e da aceleração do mundo técnico.

O caminho "fala" em uma linguagem diferente daquela da metafísica e da ciência. Ele ensina a serenidade (*Gelassenheit*), a espera, a atenção ao ciclo das estações e ao ritmo da terra. Representa uma forma de habitar o mundo que resiste à lógica da exploração e do cálculo. Ao descrever as coisas simples que encontra ao longo do caminho – o carvalho, a lebre, o vento –, Heidegger sugere uma experiência do Ser que se revela na proximidade e na escuta atenta, e não na dominação objetivante.

Embora distinto em estilo e tom, "O Caminho do Campo" possui "laços secretos", como aponta o tradutor Ernildo Stein, com "Sobre o Problema do Ser". Ele pode ser lido como uma indicação, ainda que sutil, de uma alternativa ao niilismo e à dominação da técnica. Aponta para a possibilidade de um pensamento meditativo (*besinnliches Denken*) que, em vez de calcular e controlar o ente, se abre à escuta do Ser e busca corresponder (*entsprechen*) ao seu apelo. É um convite a encontrar, na simplicidade do mundo vivido e na linguagem que brota dessa experiência, um acesso mais autêntico à questão fundamental que a metafísica obscureceu.

Em suma, a primeira parte desta análise buscou delinear os conceitos centrais apresentados por Heidegger nas duas obras, com ênfase na maneira como ele reconfigura o problema do Ser. Ao diagnosticar o niilismo como um sintoma do esquecimento do Ser perpetuado pela tradição metafísica e consumado na era da técnica, Heidegger não oferece soluções fáceis, mas convida a um rigoroso exercício de pensamento que retorne ao fundamento questionador da filosofia. A contraposição entre a análise crítica da metafísica e a meditação sobre o caminho do campo [*da roça*] sugere a complexidade de sua proposta: uma crítica radical da tradição que, ao mesmo tempo, busca na simplicidade e na linguagem poética as vias para uma possível redescoberta do sentido do Ser.

Parte 2: Reflexão Crítica e Diálogos Contemporâneos – Heidegger e a Questão do Ser Hoje

2.1 A Relevância Persistente da *Seinsfrage*

A obra de Martin Heidegger, especialmente seus textos tardios como "Sobre o Problema do Ser" e "O Caminho do Campo", continua a reverberar intensamente no debate filosófico contemporâneo, desafiando pressupostos arraigados e incitando novas formas de pensar a condição humana, a história da metafísica e nossa relação com o mundo tecnológico. A radicalidade com que Heidegger recoloca a questão do Ser (*Seinsfrage*), diagnosticando seu esquecimento (*Seinsvergessenheit*) como o evento fundamental que molda a trajetória do Ocidente e culmina na era da técnica (*Gestell*), confere à sua filosofia uma atualidade desconcertante. A análise conceitual apresentada na primeira parte desta resenha revela um pensamento que, apesar de suas complexidades e controvérsias, oferece ferramentas críticas indispensáveis para compreender as encruzilhadas do presente.

A insistência de Heidegger em diferenciar o Ser (*Sein*) do ente (*Seiendes*) e em criticar a redução do primeiro ao segundo pela tradição metafísica permanece um ponto de partida crucial. Em um mundo cada vez mais dominado pela lógica instrumental, pela quantificação e pela objetificação de todas as esferas da vida – fenômenos que Heidegger antecipou com sua análise do *Gestell* –, a pergunta pelo sentido do Ser, para além da mera funcionalidade ou disponibilidade do ente, adquire uma urgência renovada. A crítica heideggeriana à metafísica da subjetividade, que coloca o homem como senhor e possuidor da natureza (Descartes) e culmina na Vontade de Poder (Nietzsche), oferece um contraponto poderoso às visões antropocêntricas e prometeicas que ainda permeiam muitos discursos contemporâneos, desde a economia neoliberal até certas vertentes do transumanismo.

2.2 O Diálogo com Sartre: Existência, Liberdade e o Nada

Um dos diálogos mais profícuos e tensos que o pensamento de Heidegger estabelece com a filosofia contemporânea é, sem dúvida, com o existencialismo ateu de Jean-Paul Sartre, que colocamos em perspectiva essa resenha. Embora Sartre tenha sido profundamente influenciado por "Ser e Tempo" (*Sein und Zeit*), especialmente na sua obra magna "O Ser e o Nada" (*L'Être et le Néant*), as divergências entre os dois pensadores são fundamentais e revelam concepções distintas sobre a natureza da existência humana, a liberdade e o próprio sentido do Ser e do Nada.

Heidegger, em sua "Carta sobre o Humanismo" (*Brief über den Humanismus*), respondeu criticamente à apropriação sartreana de seu pensamento, rejeitando a etiqueta de "existencialista" e acusando Sartre de permanecer preso à metafísica da subjetividade que ele próprio, Heidegger, buscava superar. Para Heidegger, o foco de Sartre na existência humana (o "*para-si*", *pour-soi*) como pura liberdade e projeto, definida pela máxima "a existência precede a essência", ainda interpretava o ser humano a partir de sua relação com o ente (o "*em-si*", *en-soi*) e negligenciava a questão mais fundamental da relação do Dasein (o *ser-aí* humano) com o próprio Ser e sua verdade (*alétheia*).

Enquanto Sartre enfatiza a liberdade radical do sujeito como fundamento de sua existência, um "ser condenado a ser livre" que se projeta no mundo através de suas escolhas e ações, Heidegger desloca o foco para a condição de "ser-lançado" (*Geworfenheit*) do Dasein em um mundo já pleno de sentido e para sua abertura à escuta do apelo do Ser. A autenticidade (*Eigentlichkeit*) heideggeriana não reside na autoafirmação da liberdade subjetiva, mas na assunção da finitude (o "ser-para-a-morte", *Sein-zum-Tode*) e na correspondência ao destino (*Geschick*) do Ser. Nesse sentido, a liberdade para Heidegger não é a autodeterminação absoluta do sujeito, mas a liberdade "para" ouvir e responder à interpelação do Ser.

A concepção do Nada também difere significativamente. Para Sartre, o Nada é introduzido no Ser (o *em-si* maciço e pleno) pela consciência (o *para-si*), que é uma "*nadificação*" (*néantisation*). É a capacidade humana de negar, de se distanciar do Ser bruto, que funda a liberdade e a possibilidade de projeto. O Nada sartreano está intrinsecamente ligado à subjetividade e à sua negatividade constitutiva. Para Heidegger, como visto em "Que é Metafísica?" e ecoado em "Sobre o Problema do Ser", o Nada (*das Nichts*) não é uma produção da subjetividade nem a simples negação do ente. Ele é mais originário, revelando-se na experiência da angústia (*Angst*) e pertencendo à própria essência do Ser como aquilo que permite ao ente manifestar-se em sua diferença. O Nada heideggeriano não é um vazio oposto ao Ser, mas o véu que, ao mesmo tempo, oculta e possibilita o desvelamento do Ser.

Essa divergência fundamental sobre o Ser, o Nada e a existência humana tem implicações profundas. A crítica de Heidegger a Sartre pode ser vista como uma tentativa de desvincular a questão ontológica da primazia da consciência e da subjetividade, buscando um fundamento mais originário na própria dinâmica do Ser. Por outro lado, a perspectiva sartreana oferece uma ênfase na responsabilidade ética e na ação concreta do indivíduo no mundo que parece, por vezes,

diluída no pensamento mais meditativo e historial do Heidegger tardio. O debate entre Heidegger e Sartre, portanto, continua a iluminar a tensão entre a ontologia fundamental e a filosofia da existência, entre a meditação sobre o Ser e a urgência da liberdade e da ação humanas.

2.3 Críticas e Limites do Pensamento Heideggeriano

Apesar de sua inegável influência e poder de interpelação, o pensamento de Heidegger não está isento de críticas e limites, que também precisam ser considerados em uma reflexão contemporânea. A linguagem idiossincrática e por vezes obscura de Heidegger, especialmente em seus textos tardios, dificulta o acesso e a interpretação, levantando questionamentos sobre a comunicabilidade e o rigor de suas análises. A crítica à metafísica, embora potente, pode por vezes parecer excessivamente generalizante, correndo o risco de obscurecer as nuances e diferenças significativas entre os diversos pensadores da tradição.

A relação de Heidegger com a política, marcada por seu envolvimento com o nazismo no início dos anos 1930, permanece uma sombra incontornável sobre sua obra. Embora "Sobre o Problema do Ser" e "O Caminho do Campo" sejam textos posteriores a esse período e focados em questões ontológicas e existenciais, a questão de possíveis continuidades ou ressonâncias entre seu pensamento e sua adesão política continua a ser objeto de debate. Críticos apontam para um certo elitismo, um antimodernismo nostálgico (evidente em "O Caminho do Campo") e uma potencial passividade política derivada de sua ênfase na escuta do destino do Ser, que poderiam ser problemáticos.

A própria concepção heideggeriana do Ser, como algo que se doa e se retrai na história, independente da ação humana direta, levanta questões sobre o papel da agência humana e da responsabilidade histórica. A crítica à técnica como *Gestell*, embora perspicaz em seu diagnóstico da lógica instrumental dominante, pode por vezes subestimar a complexidade das relações sociais, econômicas e políticas que moldam o desenvolvimento tecnológico e suas aplicações. Falta, talvez, uma análise mais concreta das estruturas de poder que sustentam o *Gestell* [estrutura].

Além disso, a ênfase na autenticidade e no pensamento meditativo, embora valiosa como contraponto ao frenesi tecnológico, pode soar insuficiente diante dos desafios éticos e políticos prementes do mundo contemporâneo, como a justiça social, as desigualdades econômicas e a crise ecológica. A solução heideggeriana parece residir em uma transformação do pensamento e

da relação com o Ser, mas as vias concretas para essa transformação e suas implicações práticas permanecem, em grande medida, enigmáticas.

2.4 Heidegger e o Futuro da Filosofia

Não obstante essas críticas, a filosofia de Heidegger, particularmente sua incansável interrogação sobre o Ser e sua crítica radical à metafísica e à técnica, continua a ser um interlocutor indispensável para pensar o nosso tempo. Sua obra desafia a filosofia a ir além das questões epistemológicas ou éticas tradicionais e a confrontar a questão ontológica fundamental que subjaz à nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. A análise do niilismo como esquecimento do Ser oferece uma perspectiva mais profunda do que as meras discussões sobre crise de valores ou falta de sentido.

O diálogo com Sartre, revisitado aqui, demonstra como a *Seinsfrage* [pergunta pelo ser] heideggeriana força uma reavaliação das concepções modernas de sujeito, liberdade e existência. Outros debates contemporâneos, como os da fenomenologia pós-heideggeriana (Levinas, Derrida, Marion), da hermenêutica (Gadamer), das filosofias da técnica (Stiegler, Feenberg) e da ecologia profunda, também carregam as marcas indeléveis do pensamento de Heidegger, seja por apropriação, seja por crítica.

"Sobre o Problema do Ser" e "O Caminho do Campo", em sua articulação entre análise rigorosa e meditação poética, convidam a um exercício de pensamento que resista às simplificações e à aceleração da era digital. Lembram-nos que a filosofia não é apenas a busca por respostas definitivas ou soluções técnicas, mas um questionamento paciente e persistente sobre os fundamentos de nossa existência e nossa relação com o mistério do Ser. A tarefa de pensar o "lugar" da linha do niilismo e a possibilidade de sua superação, proposta por Heidegger em diálogo com Jünger, permanece aberta e urgente para a filosofia contemporânea.

3 GLOSSÁRIOS DE TERMOS

3.1 Obra: "Sobre o problema do ser" (Zur Seinsfrage)

Problema do Ser (*Seinsfrage*): Diferença entre a pergunta tradicional da metafísica (pelo ente enquanto ente) e a pergunta fundamental de Heidegger (pelo Ser em si mesmo, pelo sentido do Ser). A metafísica tradicional esqueceu a questão do Ser ao focar no ente. A resposta da metafísica pressupõe uma explicitação do Ser que elimina sua problematidade. Heidegger busca

retomar o fundamento da metafísica, que é a questão do Ser. O título "Sobre o problema do ser" indica que a reflexão sobre o niilismo se origina de uma discussão do Ser.

Niilismo: Entendido inicialmente (via Nietzsche e Jünger) como "desvalorização dos valores supremos". Heidegger aprofunda: o niilismo não é apenas um fenômeno histórico ou cultural, mas tem sua raiz na história do Ser, especificamente no esquecimento do Ser (*Seinsvergessenheit*) pela metafísica ocidental. A essência do niilismo está ligada à dominação do ente sobre o Ser, à redução do Ser a um valor ou a um objeto manipulável (vontade de poder, técnica). Niilismo perfeito: a fase em que o esquecimento do Ser atinge seu ápice, manifestando-se na dominação planetária da técnica e na figura do "Trabalhador" (Jünger). Não se trata de "curar" o niilismo, mas de compreender sua essência e sua conexão com a história da metafísica e do Ser. O niilismo, em sua essência, não é algo niilista, mas aponta para a necessidade de uma outra relação com o Ser.

Metafísica: Caracterizada pelo esquecimento da diferença ontológica (diferença entre Ser e ente). História da metafísica como história do esquecimento do Ser. A metafísica pensa o ente enquanto ente, mas não o Ser enquanto Ser. A subjetividade (desde Descartes) como característica fundamental da metafísica moderna, culminando na vontade de poder (Nietzsche) e na técnica planetária. Necessidade de "superar" (*überwinden*) a metafísica, o que não significa destruí-la, mas compreendê-la em sua essência e limites, recuperando a questão fundamental do Ser que ela esqueceu.

Ser e Nada: O Nada não é a mera negação do ente, mas está intrinsecamente ligado ao Ser. A angústia (*Angst*) revela o Nada e, por meio dele, o Ser. A metafísica tradicional não consegue pensar o Nada adequadamente.

Técnica (*Technik*): Não é apenas um conjunto de instrumentos, mas um modo de desvelamento (*Entbergen*) que domina a época atual. A essência da técnica é a "armação" (*Gestell*), que interpela tudo a se apresentar como recurso disponível (*Bestand*) para exploração e controle. A técnica é a forma consumada da metafísica da subjetividade e da vontade de poder. Representa o ápice do esquecimento do Ser.

Linguagem: A linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas a "casa do Ser". A linguagem da metafísica e da técnica obscurece a relação original com o Ser. Necessidade de um outro modo de pensar e dizer, que corresponda à essência do Ser.



Pensamento (*Denken*): Diferença entre o pensamento calculador (*rechnendes Denken*), próprio da técnica e da ciência, e o pensamento meditativo (*besinnliches Denken*), que se volta para o sentido do Ser. O pensamento meditativo é um "agradecer" (*Danken*) e um corresponder ao apelo do Ser.

3.2 Obra: "O Caminho do Campo" (Der Feldweg)

Texto mais lírico e autobiográfico. Descreve a relação do pensador com sua terra natal (Messkirch) e com a simplicidade do caminho do campo. O caminho simboliza o próprio caminho do pensamento de Heidegger, um retorno à origem, à simplicidade, ao que é próximo. Contraponto à linguagem técnica e metafísica. Sugere uma outra forma de habitar o mundo e de se relacionar com o Ser, mais atenta ao silêncio, à natureza, ao tempo cíclico. Conexão com "Sobre o problema do ser": O caminho do campo representa uma alternativa ao mundo dominado pela técnica e pelo niilismo, apontando para uma experiência mais autêntica do Ser, fora do domínio da metafísica tradicional.



REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. Sobre o problema do ser / O caminho do campo. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2005.

HEIDEGGER, Martin. Carta sobre o humanismo. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. Tradução de Marco Aurélio Werle. Scientiae Studia, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-398, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2012.

LOPARIC, Zeljko. Heidegger réu: um ensaio sobre a periculosidade da filosofia. Campinas: Papyrus, 1990.

STEIN, Ernildo. Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

VATTIMO, Gianni. O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.